

A PROFECIA DO PASSARO DE FOGO

LIVRO 1 DA TRILOGIA ECHO

MELISSA GREY

Tradução

FLÁVIA SOUTO MAIOR

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2015 by Melissa Grey

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Girl at Midnight

CAPA Jen Wang

CALIGRAFIA DA CAPA Flávia Zimbardi

PREPARAÇÃO Carla Bitelli

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grey, Melissa

A profecia do pássaro de fogo : livro 1 da trilogia Echo /
Melissa Grey; tradução Flávia Souto Maior. — 1ª ed. — São
Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: The Girl at Midnight.

ISBN 978-85-65765-97-8

1. Ficção juvenil I. Título.

16-00379

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

UM



Dez anos depois

ECHO SEGUIA DUAS REGRAS. A primeira era simples: não ser pega.

Ela entrou com cautela na loja de antiguidades que ficava no fundo de uma viela do mercado noturno de Taipei. A magia cintilava ao redor da entrada como o calor ascendendo do cimento quente em um dia de verão escaldante. Se Echo olhasse diretamente para ali, não veria nada além de uma porta de metal sem marcas, mas, quando inclinava a cabeça do jeito certo, enxergava o brilho discreto de bloqueios de proteção que deixavam a loja totalmente invisível exceto para aqueles que sabiam o que procurar.

A luz neon do mercado que se infiltrava para dentro da loja era a única iluminação do local. As paredes eram cobertas de estantes lotadas de antiguidades em vários estados de deterioração. Havia um relógio cuco desmontado sobre a mesa no centro, com o pássaro pendurado em uma mola triste e débil. O feiticeiro dono da loja era especialista em encantar objetos mundanos, alguns com propósitos mais nefastos que outros. Os feitiços mais obscuros deixavam um resíduo, e Echo tinha contato com magia havia tempo suficiente para senti-lo, como um arrepio na espinha. Contanto que evitasse aqueles objetos, ficaria bem.

A maioria dos itens sobre a mesa estava enferrujada ou quebrada demais para ser uma opção. Um espelho de mão de prata estava arruinado por uma rachadura que o dividia em dois. Um relógio

enferrujado marcava os minutos ao contrário. Duas metades de uma medalha em forma de coração estavam em pedaços, como se alguém as tivesse destruído com um martelo. O único objeto que parecia funcionar era uma caixa de música. A tinta esmaltada estava descascada e gasta, mas os pássaros que enfeitavam a tampa tinham traços adoráveis e elegantes. Echo abriu a caixa e uma música familiar escapou de dentro, enquanto um passarinho preto rodopiava.

A canção de ninar da gralha, ela pensou, tirando a mochila das costas. A Ala ficaria encantada, embora o conceito de aniversário e presentes não significasse nada para ela.

A mão de Echo estava a centímetros da caixa de música quando as luzes acenderam. Ela virou a cabeça e viu um feiticeiro parado na entrada da loja. Seus olhos brancos e amarronzados, a única coisa que o marcava como não humano, observavam a mão de Echo.

— Te peguei.

Droga. Parecia que algumas regras existiam para serem quebradas.

— Isso não é o que parece — disse Echo. Não era a melhor explicação, mas teria que servir.

O feiticeiro ergueu uma sobrancelha.

— Sério? Porque parece que você pretendia me roubar.

— Certo, então acho que é exatamente o que parece. — Os olhos de Echo pararam um pouco atrás do feiticeiro. — Minha nossa... O que é *aquilo*?

O feiticeiro olhou para trás por apenas um segundo, mas era tudo de que Echo precisava. Ela pegou a caixinha de música, enfiou na mochila e jogou-a sobre o ombro; apressada, trombou com o feiticeiro. Ele caiu no chão e soltou um grito enquanto Echo escapulia para a praça do mercado.

Regra número dois, Echo pensou, surrupiando um pãozinho de carne de porco de uma banca de alimentos ao passar correndo por ela. *Se for pega, corra*.

O asfalto estava escorregadio com a garoa do dia, e suas botas derraparam quando ela virou uma esquina. O mercado fervilhava com compradores e com o rico perfume de comida de rua misturado ao ar agradável. Echo mordeu o pãozinho, recuando diante do vapor que queimou sua língua. Quente, mas delicioso. Era uma verdade universal que comida roubada era mais gostosa. Echo saltou uma poça de lama e quase engasgou com um bocado de pão grudento e carne de porco assada. Comer e correr ao mesmo tempo era mais difícil do que parecia.

Ela se espremeu pela multidão, desviando de carrocinhas e pedestres distraídos. Às vezes, ser pequena compensava. O feiticeiro que a perseguia encontrava maiores dificuldades. A porcelana de qualidade duvidosa foi ao chão quando ele esbarrou na banca de pãezinhos de carne de porco e soltou um turbilhão de palavrões. O mandarin de Echo era pobre, mas ela tinha quase certeza de que ele havia dito uma enxurrada de insultos elaborados a ela e a toda sua família. As pessoas ficavam tão sensíveis quando suas coisas eram roubadas. Principalmente feiticeiros.

Echo se abaixou sob um toldo e olhou para trás. O feiticeiro estava longe; no momento havia uma distância respeitável entre eles. Ela deu outra mordida no pãozinho e migalhas voaram. Uma maluca capaz de exercer magia teria dado no pé, mas ela não comia desde a fatia de pizza do café da manhã. A fome não esperava por ninguém. O feiticeiro gritou para uma dupla de policiais deterem-na quando ela passou por eles. Dedos quase alcançaram sua manga, mas Echo desapareceu antes que conseguissem pegá-la.

Que fantástico, ela pensou, lutando contra a dor que se formava em seus músculos. *Quase lá*.

A placa luminosa para a estação de metrô de Jiantan surgiu, e ela respirou aliviada. Assim que estivesse na estação, só precisaria en-

contrar uma porta, qualquer porta, e desapareceria em uma nuvem de fumaça. Ou melhor, em uma nuvem de pó preto como fuligem.

Echo jogou o resto do pãozinho em uma lata de lixo próxima e procurou no bolso pela bolsinha sem a qual nunca saía de casa. Ela pulou a catraca, dizendo um “Desculpe!” apressado ao funcionário desnorteado quando o som das botas se aproximou.

Havia um armário de serviço perto da plataforma, a uns quarenta e cinco metros de distância, e Echo sabia que serviria muito bem. Ela enfiou os dedos na bolsinha e pegou um bocado de pó. Pó de sombra. Era uma quantidade generosa, mas o salto de Taipei a Paris não era nada pequeno. Melhor prevenir do que remediar, mesmo que significasse ficar com um estoque perigosamente baixo para a viagem de volta a Nova York.

Echo espalhou o pó no batente da porta e passou por ela. O feitiço gritou, mas seu berro, o som dos trens parando na estação e o ruído das conversas na plataforma desapareceram assim que a porta se fechou. Por um instante, tudo era escuridão. Não era tão desnorteante quanto havia sido a primeira vez em que ela viajara pelos entremeios do mundo, mas nunca deixou de ser estranho. No espaço vazio entre todos os aqui e ali, não havia em cima, embaixo, esquerda ou direita. A cada passo, o chão se deslocava e se distorcia sob seus pés. Echo engoliu a bile que subia na garganta e esticou o braço, surda e cega no vácuo da escuridão. Quando a palma de sua mão encostou na tinta descascada da porta sob o Arco do Triunfo, ela suspirou aliviada.

O Arco era uma estação de passagem popular entre os viajantes do entremeio. Com sorte, o feitiço penaria muito para rastreá-la. Reconstituir o avanço de alguém no entremeio era difícil, mas não impossível, e a magia negra do feitiço facilitaria muito as coisas para ele. Por mais que Echo amasse Paris na primavera, ela não poderia ficar muito tempo. Uma pena... Os parques eram muito agradáveis nessa época do ano.

Ela foi até o lado oposto do Arco, passando os olhos pela multidão em busca da imagem familiar de alguém com um gorro para esconder o volume de penas vibrantes e óculos estilo aviador que valiam mais do que todo o guarda-roupa de Echo. Jasper era um de seus contatos mais inconstantes, mas costumava honrar sua palavra. Ela estava prestes a desistir e escolher uma porta para levá-la de volta a Nova York quando viu um vislumbre de pele cor de bronze e o brilho de óculos escuros. Jasper acenou e Echo sorriu antes de atravessar a multidão rapidamente.

Sua voz estava ofegante quando ela o alcançou.

— Conseguiu? — ela perguntou.

Jasper tirou uma pequena caixa azul-turquesa da bolsa-carteiro, e Echo notou que a porta ao lado dele já estava com pó de sombra espalhado no batente. Ele podia ser atencioso quando queria — o que não era muito frequente.

— Já te deixei na mão alguma vez? — ele disse.

Echo sorriu.

— Com frequência.

O sorriso de Jasper era deslumbrante e selvagem. Ele jogou a caixa para Echo com uma piscadinha perceptível mesmo com os óculos de aviador espelhados. Echo ficou na ponta dos pés e deu um beijo rápido no rosto dele. Ela passou para o entremeio antes que ele pudesse pensar em uma resposta espirituosa. Uma vez, Echo disse a Jasper que ele só poderia ter a última palavra por cima do cadáver dela, e estava falando sério.

Cruzar a soleira para o entremeio era menos desagradável pela segunda vez, mas o conteúdo do estômago de Echo ainda revirava muito. Ela tateou no escuro, fazendo uma careta quando as mãos tocaram algo sólido. As portas que levavam à estação Grand Central estavam sempre imundas, mesmo do outro lado do entremeio.

Nova York, ela pensou. A cidade que nunca está limpa.

Echo saiu em um dos corredores que davam para o átrio principal. Ficou rodando o balcão de informações no centro do pátio, ziguezagueando por entre grupos de turistas que tiravam fotos das constelações no teto e passageiros que aguardavam o trem. Nenhum deles sabia que havia um mundo inteiro sob seus pés, invisível aos humanos. Bem, à maioria dos humanos. Como na loja do feiticeiro, era preciso saber o que procurar. Ela esperou alguns minutos para ver se o feiticeiro ia aparecer. Se ele tivesse conseguido segui-la desde o Arco, ela queria garantir que não o levaria até a porta de onde morava. Echo não tinha provas, mas estava certa de que o feiticeiro era uma péssima visita.

Seu estômago roncou. Algumas mordidas de pãozinho com carne de porco não seriam suficientes. Ela lembrou do cômodo escondido na Biblioteca Pública de Nova York que chamava de lar e na metade de burrito que havia deixado sobre a escrivaninha. Mais cedo, naquele mesmo dia, ela o havia roubado de um estudante desatendo que cochilava com a cabeça apoiada em uma cópia gasta de *Os miseráveis*. Houve poesia naquele pequeno roubo. Foi o único motivo que a levou a pegar o burrito. Ela não precisava mais roubar comida para sobreviver como quando era criança, mas algumas oportunidades eram boas demais para deixar passar.

Echo alongou o pescoço, deixando a tensão que havia se instalado em seus músculos descer pelos braços e sair pelos dedos. Centímetro a centímetro, ela se permitiu relaxar, escutando o ruído dos trens que chegavam e partiam da estação. O som era calmante como uma canção de ninar. Com uma última olhada pelo átrio, ela jogou a mochila sobre o ombro e seguiu para a saída da avenida Vanderbilt. Sua casa ficava a poucas quadras a oeste da Grand Central, e lá havia um burrito roubado com seu nome.

DOIS



DOIS TIPOS DE PESSOAS ACAMPAVAM na Biblioteca Pública de Nova York tão tarde da noite. Os estudiosos — estudantes universitários viciados em cafeína; candidatos a doutorado obsessivamente metículosos; acadêmicos ambiciosos em busca de um título. E as pessoas que não tinham para onde ir — gente que buscava consolo no almíscar reconfortante dos livros antigos e nos sons calmos de outros seres humanos respirando, virando páginas e se espreguiçando nas velhas cadeiras de madeira. Pessoas que não queriam se sentir sozinhas quando haviam sido deixadas sozinhas. Pessoas como Echo.

Ela se move pela biblioteca como um fantasma, com passos mais silenciosos que um sussurro sobre os degraus de mármore. Era tarde o bastante para ninguém se dar ao trabalho de levantar os olhos dos livros para notar uma jovem vestida de preto dos pés à cabeça andando furtivamente por locais onde não deveria estar. Echo tinha estabelecido havia muito tempo uma rota que desviava dos funcionários que contavam os minutos até o fim do expediente. Ela não precisava se preocupar com câmeras de segurança. Os bibliotecários americanos lutavam para proteger a privacidade de seus leitores, então a biblioteca era uma zona livre de câmeras. Era um dos motivos por ela ter escolhido fazer daquele local seu lar.

Ela passou pelas estantes estreitas da biblioteca, inspirando o cheiro familiar de livros velhos. Ao subir a escadaria escura que

levava ao seu quarto, o ar ficou mais espesso devido à magia. Os bloqueios que a Ala tinha ajudado Echo a criar a empurravam, mas a resistência era fraca. Eles eram projetados para reconhecê-la. Se qualquer outra pessoa tivesse deparado com a escadaria, teria voltado, lembrando de ter deixado o fogão ligado ou de estar atrasado para uma reunião.

No alto da escada havia uma porta bege e simples como a de qualquer armário de serviço, mas que também tinha sua própria magia. Echo tirou o canivete suíço da mochila. Pressionou a ponta da pequena faca no dedo mindinho e observou uma gota de sangue se formar.

— Por meu sangue — sussurrou.

Ela encostou a gota escarlate na porta e o ar crepitou com eletricidade estática, arrepiando os pelinhos finos de sua nuca. Ouviu-se um clique baixo e a porta destravou. Como fazia todas as vezes que entrava no quarto apertado, transbordando de tesouros que havia libertado no decorrer dos anos, ela chutou a porta e disse para ninguém em particular:

— Querido, cheguei!

O silêncio em resposta foi bem-vindo depois da sinfonia aguda de Taipei e das multidões cacofônicas na hora do rush de Nova York. Echo deixou a mochila no chão, ao lado da escrivaninha que havia salvado da pilha de reciclagem da biblioteca, e desmoronou sobre a cadeira. Acendeu as luzinhas penduradas pelo quarto, deixando o espaço aconchegante com um brilho caloroso.

Diante dela estava o burrito com que sonhava, cercado pelas quinquilharias que decoravam todas as superfícies disponíveis no quarto. Havia pequenos elefantes de jade de Phuket. Geodos de minas de ametista da Coreia do Sul. Um ovo Fabergé original, incrustado de rubis e enfeitado com ouro. Pilhas de livros cercavam tudo, em todos os lugares possíveis, empilhados uns sobre os outros

em torres bambas. Alguns Echo já tinha lido dezenas de vezes, outros, nenhuma. A mera presença deles era um conforto. Ela os acumulava com a mesma avidez que acumulava seus outros tesouros. Seu *eu* de sete anos de idade havia decidido que roubar livros era moralmente condenável, mas como os livros não haviam saído da biblioteca — foram apenas realocados — não se tratava *tecnicamente* de um roubo. Echo olhou para o seu mar de publicações e uma única expressão lhe veio à mente: *tsundoku*.

Era a palavra japonesa para o ato de deixar os livros empilhados sem lê-los. Palavras eram outra coisa que Echo acumulava. Ela havia começado a coleção muito antes de ir à biblioteca pela primeira vez, quando ainda morava na casa da qual preferia não se lembrar, com uma família que preferia esquecer. Na época, seus únicos livros eram de enciclopédias ultrapassadas. Ela tinha algumas poucas coisas que eram dela, mas sempre teve as palavras. E agora tinha um quarto cheio de tesouros roubados, alguns mais comestíveis que outros.

Ela levou o burrito à boca e ameaçava dar uma mordida quando o som de penas agitadas a interrompeu. Apenas uma pessoa tinha a capacidade de ultrapassar seus bloqueios sem disparar um único alarme, e ela nunca se preocupava em bater na porta. Echo suspirou. *Que sem educação.*

— Sabe, ouvi dizer que em algumas culturas as pessoas batem na porta — Echo começou a dizer. — Mas pode muito bem ser mentira.

Echo girou a cadeira segurando o burrito. A Ala sentou na beirada da cama de Echo, com as penas levemente desgrehadas, como se tivesse tomado vento. Não havia vento, porém. Havia apenas a Ala e certa mudança no ar que acompanhava seu poder.

— Não seja ranzinza — a Ala disse, alisando as penas do braço. — Isso te faz parecer uma adolescente.